

Abrindo a gira: a apropriação da branquitude e os reflexos da ambiência midiática na tradição de oralidade das comunidades de terreiro de Umbanda¹

Bruna Teixeira Santos²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho trata-se do início de uma pesquisa de mestrado que se junta ao esforço de discutir as relações étnico-raciais na sociedade, a partir da perspectiva ontológica da branquitude e os atravessamentos midiáticos na tradição de oralidade das comunidades de terreiro de Umbanda. O objetivo é compreender como a tradição de oralidade das comunidades de terreiro é afetada pela apropriação da branquitude e os atravessamentos midiáticos.

PALAVRAS-CHAVE: oralidade; tradição; comunidade de terreiro; branquitude; comunicação.

INTRODUÇÃO

As religiões de matriz africana possuem uma presença muito forte no Brasil. Dados do IBGE³, de 2010, apontam que mais de 1 milhão de brasileiros se autodeclararam de alguma religião afro-brasileira - sem levar em conta aqueles que não se declaram devido à intolerância religiosa. Só no Rio Grande do Sul, existem mais de 65 mil terreiros⁴: um número muito mais expressivo do que na Bahia e no Rio de Janeiro. No entanto, os saberes africanos que habitam os terreiros em solo brasileiro, só chegaram devido ao sistema escravocrata que, para dizer o mínimo, sequestrou milhões de africanos, obrigando-os a atravessar o Oceano Atlântico.

Nesse processo capitalista e formador do Brasil-Colônia, grupos familiares foram separados, desagregando qualquer laço familiar e étnico. De modo geral, esse movimento é o que chamamos de Diáspora Africana: o deslocamento territorial e a transformação cultural do ser, uma redefinição do pertencer e da constituição de identidades (HALL,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Mestranda do PPGCOM da PUCRS, na linha de pesquisa Processos comunicacionais, política dos corpos e interseccionalidade, email: bruna.t005@edu.pucrs.br.

³ No Censo de 2010 do IBGE, a classificação de religiões afro-brasileiras se divide em: Candomblé, Umbanda, Umbanda e Candomblé e outras declarações de religiosidades afro-brasileiras. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em 15/11/2023.

⁴ Dados de 2020 do Sindjus. Disponível em: <https://www.sindjus.com.br/comunidade-tradicional-de-terreiro-batuque-do-rs-e-o-racismo-religioso/12607/#:~:text=Isto%20mesmo%2C%20muito%20mais%20que,terreiros%20em%20todo%20o%20estado>. Acesso em 15/11/2023.

2003) - uma vez que a travessia forçada culmina na desintegração de fatores que constituem o sujeito socialmente, como a religiosidade, a língua, a cultura e os laços étnicos e familiares. Para Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino:

O Atlântico é uma gigantesca encruzilhada. Por ela atravessaram sabedorias de outras terras que vieram imantadas nos corpos, suportes de memórias e de experiências múltiplas que, lançadas na via do não retorno, da desterritorialização e do despedaçamento cognitivo e identitário, reconstruíram-se no próprio curso, no transe, reinventando a si e o mundo. (SIMAS;RUFINO, 2018, p.11)

O sujeito diaspórico que viveu e vive esse processo de reconstrução e ressignificação de valores, a partir do entrecruzamento entre o contexto histórico e geográfico, buscou formas de viver o seu sagrado e manter as suas práticas religiosas em terras brasileiras. Os terreiros, que surgiram em quilombos e pátios de senzalas, foram os espaços de perpetuação das diferentes manifestações religiosas trazidas de África na Diáspora. E foi nesses espaços de memória e de ordem existencial (Sodré, 2019), que tradições e saberes foram repassados oralmente. A tradição pode ser entendida como o “conjunto de saberes transmitidos de uma geração para a outra” (Sodré, 2019, p. 97), como uma espécie de comunicação no tempo.

A pergunta se obriga: de que modo a tradição de oralidade das comunidades de terreiro é afetada pela ambiência midiática e a apropriação da branquitude? Tendo em vista que as comunidades de terreiro, especialmente de Umbanda, vêm sendo ocupadas pela branquitude e, em paralelo, são atravessadas pela midiatização do sagrado. Com isso, essa pesquisa busca resgatar a história da Umbanda; mapear as principais tradições de comunidades de terreiro; identificar como a tradição de oralidade é mantida pelas comunidades de terreiro; verificar como se dão os processos midiáticos das comunidades de terreiro; e entender como a branquitude se faz presente dentro de uma comunidade de terreiro.

Para entender, ainda, de que modo a tradição de oralidade das comunidades de terreiro é afetada pela ambiência midiática, serão identificados os principais terreiros de Umbanda de Porto Alegre. Neste percurso metodológico, serão elencados alguns critérios de recorte que dialoguem com a problematização proposta para estabelecer a amostra. Para estudar o grupo social de comunidade de terreiro, a metodologia será de inspiração etnográfica, combinando os métodos de observação e entrevista com os participantes.

JUSTIFICATIVA

Recentemente estive em uma Gira de Exu e Pombagira⁵, em um terreiro de Umbanda, no Morro São José, zona leste de Porto Alegre. As crianças do bairro eram as primeiras a serem atendidas pelas entidades. Após o meu atendimento, enquanto colocava os meus calçados para ir embora, quatro crianças - com uma média de 12 anos - próximas de mim, conversavam sobre os seus atendimentos: “ela (pombagira) disse que estou indo muito bem na escola, que tenho um ótimo futuro e devo continuar no colégio”, falava uma menina para três amigos. Essa fala me tocou e me chamou muito a atenção, principalmente sobre a importância e o axé que a fala dessa pombagira carrega para aquela criança - certamente, uma representação de fé e respeito muito grande. É no sopro da palavra que mora o encantamento (SIMAS;RUFINO, 2018), os saberes e, muitas vezes, a cura.

Além disso, sou uma mulher branca de terreiro de Umbanda, onde sou médium. Embora não tenha nascido dentro de um terreiro, como costuma ser para muitas famílias, cresci ouvindo da minha mãe que quando não estava muito bem, era sinal de que precisava fazer um banho de sal grosso e sete ervas e, quando não funcionava, era por que precisava ir no terreiro receber um passe. Apesar de ser católica, minha mãe recorria a terreiros frequentemente - o que é a realidade de muitas famílias que se autodeclaram católicas, mas quando precisam praticar um ato de fé, recorrem às entidades de terreiro.

Na minha vivência de terreiro de Umbanda, enquanto mulher branca, observo que as comunidades de terreiro vêm sendo tomadas por pessoas brancas. Dados do Relatório de Diversidade Étnico-racial e Pluralismo Religioso no Município de São Paulo⁶, elaborado a partir de pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial, em 2016, apontam que 60,6% dos seguidores de religiões afro-brasileiras são brancos, enquanto os pretos representam 13,1% e os pardos 25,5%. Nesse processo de “invasão”, as pessoas brancas chegam carregadas de certezas, intrínsecas ao homem colonizador, trazendo para dentro de um espaço de resistência negra, o terreiro, uma série de violências sociais e epistemológicas que culminam no apagamento de práticas. Questões como essas passam pelo entendimento da branquitude enquanto um

⁵ Entidades da Umbanda conhecidas pelo arquétipo do “povo da rua”.

⁶ Dados publicados em matéria da Revista Exame, disponível em: <https://exame.com/brasil/brancos-sao-maioria-nas-religoes-afro-em-sao-paulo/>. Acesso em 20/11/2023.

lugar de poder e “um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito racial” (CARDOSO, 2011, p.81).

Além disso, há todo o impacto da ambiência midiática em torno de questões de terreiro. Recentemente uma grande “escola” de Umbanda, conduzida por um homem branco, que oferece cursos online e é referência no meio, lançou o “MetaTerreiro”, uma proposta de terreiro virtual - na qual, os praticantes, de suas casas, recebem entidades e vivem em “comunidade” virtualmente. Práticas como essa vão totalmente na contramão, além de ser uma forma de apagamento de todo o real sentido de um terreiro. A tradição de oralidade, dessarte, é uma das que vão sendo perdidas, tendo em vista a mediação por ferramentas tecnológicas, assim como a busca por uma fundamentação totalmente ocidentalizada “essa necessidade de interpretar, para fazer significar, é uma das grandes linhas de força da civilização ocidental.” (SODRÉ, 2019, p. 10).

UMBANDA TEM FUNDAMENTO, É PRECISO PREPARAR

Com o cenário posto, essa pesquisa traz as seguintes categorias teóricas que norteiam a discussão: oralidade, branquitude e midiaticização. No entanto, para chegarmos no debate sobre tradições afro-religiosas, é preciso passar por algo que está intrínseco e é essencial nesse entendimento: a identidade.

Do ponto de vista sociológico, as identidades culturais estão embasadas na interação, isto é: o eu e a sociedade. Por essa perspectiva, o sujeito possui uma essência que, no entanto, é transformada neste diálogo interativo com os mundos culturais que transita. Resultando, desse modo, na produção do sujeito pós-moderno, que Hall (1987) entende como a transformação constante da identidade, passando a ser definida historicamente e não biologicamente. Contudo, a construção de tradições passa pelo imperativo de forjar novos olhares sobre si e o mundo que habita, especialmente ao pensar a realidade do negro diaspórico:

Quem possui uma tradição possui um passado, uma continuidade histórica que o metamorfoseia em sujeito de sua própria história: afirmar sua tradicionalidade equivale a se distinguir dos outros, aqueles que não têm mais identidade definida (CAPONE, 2004, p. 256).

Enquanto a sociedade moderna que vivemos é caracterizada pela constante mudança, ao olharmos para as sociedades tradicionais - de onde são trazidos os saberes africanos -, percebemos a importância de disseminar a experiência dos ancestrais valorizando o passado, por isso “a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço,

inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais e recorrentes” (Giddens, 1990, p. 37-38). Neste contexto, a tradição da oralidade é de extrema relevância no que se refere à perpetuação da história:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerado no que poderíamos chamar elocução-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra. (VANSINA, 1982, p. 157).

Nesta encruzilhada de saberes, a amarração teórica ainda passa pelos fenômenos da branquitude e da ambiência midiática, fatores que tornam ainda mais complexa a manutenção da tradição em comunidades de terreiro atualmente. O branco aqui entendido como um opressor que se vê superior a tudo e a todos, e que ocupa um lugar de vantagem em sociedades estruturadas pelo racismo, como é o caso do Brasil, possui pactos narcísicos e branquitude.

Sempre os entendi como acordos tácitos, como pactos não verbalizados, não formalizados. Pactos feitos para se manter em situação de privilégio, higienizados da usurpação que os constitui. E que se estruturam nas relações de dominação que podem ser de classe, de gênero, de raça e etnia e de identidade de gênero, dentre outras. (BENTO, 2022 p. 120).

No cruzamento teórico dessa proposta de pesquisa, temos ainda a mediação da religião, que é afetada e atravessada por todo o contexto midiático que está inserida. Quando colocamos as lentes na era digital que vivemos, percebemos uma mudança não só na forma de consumir mídia, como também na criação de tecnologias de mediação. O conceito de *médium* que, assim como na religião afro-brasileira trata-se do sujeito que, ao incorporar uma entidade, é acoplado um espírito ao corpo, nos estudos midiáticos está relacionado com o fluxo de comunicação que torna-se ambiência existencial, quando integrado a um dispositivo técnico que é produzido pelo mercado (SODRÉ, 2014). As práticas de mercado acabam influenciando em adaptações a partir do contexto inserido, gerando transformações sociais e culturais que, muitas vezes, afetam a realidade de instituições e, sem dúvida, dos indivíduos - que, aqui, são o cerne quando abordamos as comunidades de terreiro.

A mediação é, portanto, uma elaboração conceitual para dar conta de uma nova instância de orientação da realidade capaz de permear as relações sociais por meio da mídia e constituindo - por meio do desenvolvimento acelerado dos processos de convergência midiática - uma forma virtual ou

simulativa da vida, a que já demos nome de *bios midiático* (ou *bios virtual*) (SODRÉ, 2014, p. 109).

Em suma, com essa pesquisa de mestrado que está em estágio inicial, espera-se apresentar os apagamentos de tradições de comunidades de terreiro afro-brasileiros oriundos da ocupação da branquitude nestes espaços de resistência. Mas, principalmente, trazer insumos que mostrem o impacto da ambiência midiática, bem como as transformações causadas a partir dela, entendendo a possibilidade de manter a tradição de oralidade e os saberes ancestrais em uma sociedade tecnológica e midiática.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2005.
- CARDOSO, Lourenço. **O branco “invisível”**: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil. Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Coimbra. Coimbra: 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogias das encruzilhadas**. Revista periferia, v. 10, n. 1, p. 71-88, 2018.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas: uma história do Brasil**. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira**. 3 edi. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.
- _____. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Organização e apresentação de Etienne Samain; (tradução Roberto Leal Ferreira). - Campinas, SP: Papirus, 1998.